

Prefácio

No tempo em que o debate sobre as Políticas de Emprego não tinha o impacto que tem hoje, já Glória Rebelo analisava regularmente o problema nas páginas de prestigiados órgãos de informação portugueses, incluindo nos *Cadernos de Economia* e no *Anuário da Economia Portuguesa*. Muito antes da crise financeira/económica/social «visível» a partir de 2007, já a investigadora alertava para os riscos da perda de postos de trabalho. Não se limitando ao diagnóstico, Glória Rebelo comentava as medidas das organizações internacionais e do Governo português, explicava a evolução de acontecimentos nem sempre previstos, enfim, apontava caminhos.

O tempo vem demonstrando que, em geral, a autora estava certa. Ela lembrou, há muito, que «a globalização molda a economia e a sociedade», o que exige que Portugal vença em primeiro lugar o seu *gap* em termos de produtividade/competitividade. E nunca esquecendo que «a formação/qualificação é o caminho a seguir no domínio das políticas de emprego que procuram responder ao problema do desemprego de longa duração».

Há pouco tempo, o secretário-geral da OCDE admitia que, em consequência da actual crise, possa surgir uma perigosa «crise social, com efeitos assustadores entre os trabalhadores mais vulneráveis». Mais dramático ainda foi o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, ao afirmar que «se não conseguirmos chegar a uma sustentada retoma mundial, ficaremos expostos a uma catástrofe humana», admitindo «uma crise política em grande escala, resultante de uma instabilidade social crescente».

Os gritos de alarme destes dirigentes mundiais conduz-nos ao terreno onde medra a deterioração do clima social: o desemprego. Os números oficiais são eloquentes: na Zona Euro a taxa média de desemprego já chegou aos 10% – o nível mais alto já atingido depois da sua criação – e em Portugal estamos três décimas acima, seja 10,3%.

Combater este flagelo – em Portugal, na Europa, no mundo – é, hoje, a grande prioridade.

Como se disse, muito antes da mediatização do tema, Glória Rebelo investigava, analisava, denunciava, divulgava. Com notável rigor, como

prova este livro, assente nos seus artigos publicados nos *Cadernos de Economia* e no *Anuário da Economia Portuguesa*, e cuja edição é de extrema oportunidade.

Francisco Murteira Nabo
Bastonário da Ordem dos Economistas